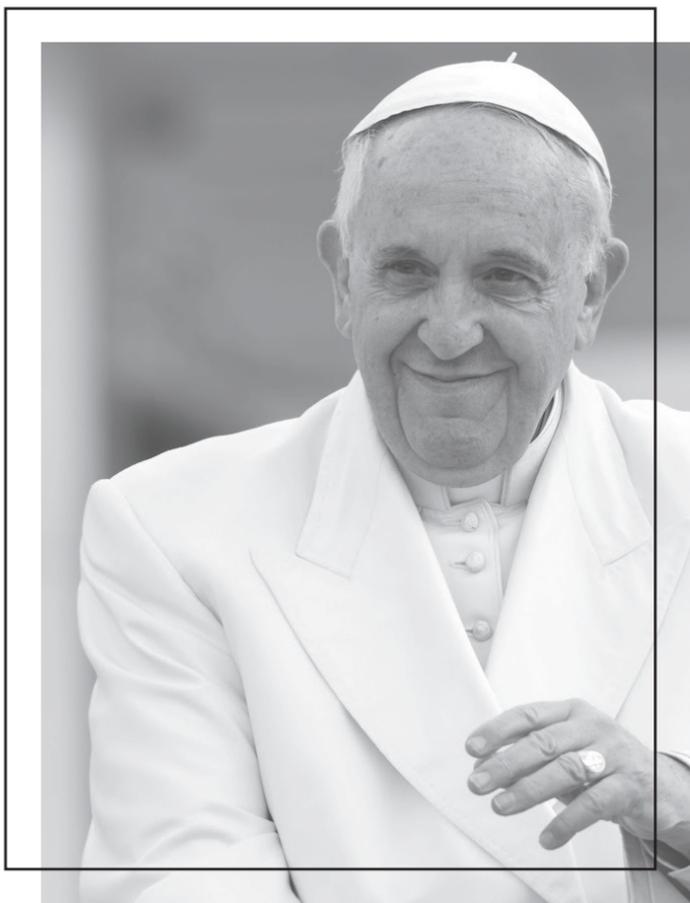


Catequese do papa Francisco

- *A profissão da fé*
- *Os sacramentos e os dons do Espírito Santo*
- *A família*
- *A Igreja*
- *A santa missa*
- *A esperança cristã*
- *A misericórdia*
- *Os mandamentos*
- *O Pai-nosso*
- *Os Atos dos Apóstolos*
- *As bem-aventuranças e a cura do mundo*
- *A oração*
- *A Carta aos Gálatas*
- *São José*
- *Os idosos*
- *O discernimento*



PAPA FRANCISCO

O DISCERNIMENTO



© Libreria Editrice Vaticana
00120 Cidade do Vaticano

Direção editorial: *Frei Darlei Zanon*
Coordenação editorial: *Danilo Alves Lima*
Coordenação de revisão: *Tiago José Risi Leme*
Preparação do original: *Caio Pereira*
Diagramação: *Júlia Cardoso Nascimento*
Foto da capa: *Shutterstock*
Editoração, impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Francisco, Papa, 1936-
O discernimento / Papa Francisco. - São Paulo : Paulus, 2023.
Coleção Catequeses do Papa Francisco.

ISBN 978-65-5562-899-9

1. Francisco, Papa, 1936- - Sermões 2. Discernimento (Teologia)
3. Palavra de Deus I. Título II. Série

23-2280

CDD 252

Índice para catálogo sistemático

1. Francisco, Papa, 1936- - Sermões



Seja um leitor preferencial **PAULUS**.
Cadastre-se e receba informações
sobre nossos lançamentos e nossas promoções:

paulus.com.br/cadastro

Televentas: (11) 3789-4000 / 0800 016 40 11

1ª edição, 2023

© **PAULUS – 2023**

Rua Francisco Cruz, 229
04117-091 • São Paulo (Brasil)
Tel.: (11) 5087-3700
paulus.com.br
editorial@paulus.com.br

ISBN 978-65-5562-899-9

SUMÁRIO

O DISCERNIMENTO

- O que significa discernir? — 9
- Um exemplo: Inácio de Loyola — 13
- A familiaridade com o Senhor — 18
- Conhecer-se a si mesmo — 22
- O desejo — 26
- O livro da própria vida — 30
- A desolação — 34
- Por que estamos desolados? — 38
- A consolação — 42
- A consolação autêntica — 47
- A confirmação da boa escolha — 51
- A vigilância — 55
- Ajudas que facilitam o discernimento — 59
- O acompanhamento espiritual — 65

- Índice das catequeses do papa Francisco
(ordem cronológica) — 71

O DISCERNIMENTO

O QUE SIGNIFICA DISCERNIR?

HOJE, INICIAMOS UM NOVO CICLO de catequeses: terminamos as catequeses sobre a velhice, agora começamos um novo ciclo sobre o tema do discernimento. Discernir é um ato importante que se refere a todos, pois as escolhas constituem uma parte essencial da vida. Discernir as escolhas. Escolhe-se uma comida, uma roupa, um percurso de estudos, um emprego, uma relação. Em tudo isso se realiza um projeto de vida, e também se concretiza nossa relação com Deus.

No Evangelho, Jesus fala do discernimento com imagens tiradas da vida comum; por exemplo, descreve os pescadores que selecionam os peixes bons e descartam os maus; ou o comerciante que sabe identificar, entre muitas pérolas, a de maior valor. Ou aquele que, lavrando um campo, se depara com algo que se revela um tesouro.¹

À luz desses exemplos, o discernimento apresenta-se como um exercício de *inteligência*, também de *perícia* e inclusive de *vontade*, para reconhecer o momento favorável: são essas as condições para fazer uma boa escolha. É preciso inteligência, perícia e também vontade para fazer uma boa escolha. E há, ainda, um custo necessário para que o discernimento se torne viável. Para desempenhar sua profissão da melhor forma, o pescador tem em consideração o cansaço, as longas noites passadas no mar, e, além disso, descarta uma parte da pesca, aceitando uma perda do lucro para o bem daqueles a quem se destina. O mercador de pérolas não hesita em gastar tudo para comprar aquela pérola; e o homem que se deparou com um tesouro faz o mesmo.

¹ Cf. Mt 13,44-48.

Situações inesperadas, não programadas, em que é fundamental reconhecer a importância e a urgência de uma decisão a tomar. Cada um deve tomar decisões; não há ninguém que as tome por nós. Em certa altura, os adultos, livres, podem pedir conselhos, pensar, mas a decisão é pessoal; não se pode dizer: “Perdi isto, porque meu marido decidiu, minha esposa decidiu, meu irmão decidiu” – não! Você deve decidir, cada um de nós deve decidir, e por isso é importante saber discernir: para decidir bem, é necessário saber discernir.

O Evangelho sugere outro aspeto importante do discernimento: ele envolve os afetos. Quem encontrou o tesouro não tem dificuldade de vender tudo, tão grande é sua alegria.² O termo usado pelo evangelista Mateus indica uma alegria totalmente especial, que nenhuma realidade humana pode dar; e, com efeito, repete-se em pouquíssimas outras passagens do Evangelho, todas elas relativas ao encontro com Deus. É a alegria dos magos quando, depois de uma viagem longa e árdua, veem de novo a estrela;³ a alegria. É a alegria das mulheres que regressam do sepulcro vazio, depois de ter ouvido o anúncio da ressurreição, feito pelo anjo.⁴ É a alegria de quem encontrou o Senhor! Tomar uma boa decisão, uma decisão certa, leva você sempre àquela alegria final; talvez, ao longo do caminho, tenhamos que sofrer um pouco de incerteza, pensar, procurar, mas no final a decisão certa beneficia você com a alegria.

No juízo final, Deus fará um discernimento – um grande discernimento – em relação a nós. As imagens do camponês, do pescador e do comerciante são exemplos do que acontece no Reino dos céus, um Reino que se manifesta nas ações comuns da vida, que exigem uma tomada

² Cf. Mt 13,44.

³ Cf. Mt 2,10.

⁴ Cf. Mt 28,8.

de posição. Por isso, é muito importante saber discernir: as grandes escolhas podem surgir de circunstâncias à primeira vista secundárias, mas que se revelam decisivas. Por exemplo, pensemos no primeiro encontro de André e João com Jesus, um encontro que nasce de uma simples pergunta: “Rabi, onde moras?”; “Vinde ver!”;⁵ diz Jesus. Um diálogo muito breve, mas é o início de uma mudança que, passo a passo, marcará a vida inteira. Anos mais tarde, o Evangelista continuará a se lembrar daquele encontro que o mudou para sempre, recordando-se até da hora: “Eram cerca das quatro horas da tarde”.⁶ Foi a hora em que o tempo e o eterno se encontraram na vida dele. E, numa decisão boa, certa, encontra-se a vontade de Deus com a nossa vontade; encontra-se o caminho atual com o eterno. Tomar uma decisão certa, depois de um caminho de discernimento, significa fazer este encontro: o tempo com o eterno.

Portanto: conhecimento, experiência, afetos, vontade: eis alguns elementos indispensáveis para o discernimento. No decurso destas catequeses, veremos outros, igualmente importantes.

O discernimento – como eu dizia – exige esforço. Segundo a Bíblia, não encontramos diante de nós, já embalada, a vida que devemos viver: não! Devemos decidi-la continuamente, de acordo com as realidades que se apresentam. Deus nos convida a avaliar e a escolher: criou-nos livres e quer que exerçamos nossa liberdade. Por isso, discernir é difícil.

Vivemos frequentemente esta experiência: escolher algo que nos parecia bom, e, no entanto, não era. Ou saber qual era nosso verdadeiro bem, mas não o escolher. O homem, diversamente dos animais, pode errar, pode não

⁵ Cf. Jo 1,38-39.

⁶ Jo 1,39.

desejar escolher de modo correto. A Bíblia mostra isso a partir de suas primeiras páginas. Deus dá ao homem uma instrução exata: se quiser viver, se quiser desfrutar da vida, lembre-se de que você é criatura, que não é o critério do bem e do mal, e que as escolhas que fizer terão uma consequência para você, para os outros e para o mundo;⁷ você pode fazer da terra um jardim magnífico, ou pode transformá-la num deserto de morte. Um ensinamento fundamental: não é por acaso que se trata do primeiro diálogo entre Deus e o homem. O diálogo é: o Senhor dá a missão, é preciso fazer isto e aquilo; e o homem, a cada passo que dá, deve discernir qual é a decisão a tomar. O discernimento é aquela reflexão da mente, do coração, que devemos fazer antes de tomar uma decisão.

O discernimento é árduo, mas indispensável para viver. Requer que eu me conheça, que saiba o que é bom para mim aqui e agora. Exige, sobretudo, uma relação filial com Deus. Deus é Pai e não nos deixa sozinhos, está sempre disposto a nos aconselhar, a nos encorajar, a nos acolher. Mas nunca impõe sua vontade. Por quê? Porque quer ser amado, não temido. E Deus também quer que sejamos filhos, não escravos: filhos livres. E o amor só pode ser vivido na liberdade. Para aprender a viver, é preciso aprender a amar, e, por isso, é necessário discernir: o que posso fazer agora, diante dessa alternativa? Que seja um sinal de mais amor, de mais maturidade no amor. Peçamos que o Espírito Santo nos guie! Invoquemo-lo todos os dias, especialmente quando devemos fazer escolhas.

Audiência geral
31 de agosto de 2022

⁷ Cf. Gn 2,16-17.

UM EXEMPLO: INÁCIO DE LOYOLA

CONTINUEMOS NOSSA REFLEXÃO SOBRE o discernimento – neste período, falaremos todas as quartas-feiras sobre o discernimento espiritual –, e fazer referência a um testemunho concreto pode nos ajudar nisso.

Um dos exemplos mais instrutivos é oferecido por Santo Inácio de Loyola, com um episódio decisivo de sua vida. Inácio está convalescente em casa, depois de ter sido ferido numa perna em batalha. Para se livrar do tédio, pede algo para ler. Gostava de contos de cavalaria, mas infelizmente em casa só havia vida de santos. Ele se adapta, com um pouco de má vontade, mas durante a leitura começa a descobrir outro mundo, um mundo que o conquista e parece competir com o dos cavaleiros. Fica fascinado com as figuras de São Francisco e São Domingos, e sente desejo de imitá-los. Mas também o mundo cavaleiresco continua a exercer seu fascínio sobre ele. E, assim, ele sente, dentro de si, aquela alternância de pensamentos, os cavaleirescos e os dos santos, que parecem se equivaler.

No entanto, Inácio começa, também, a notar diferenças. Em sua autobiografia – na terceira pessoa –, escreve assim: “Pensando nas coisas do mundo – e nas coisas cavaleirescas, entende-se –, sentia muito prazer, mas quando, por cansaço, as abandonava, sentia-se vazio e desiludido. Ao contrário, ir descalço a Jerusalém, alimentar-se unicamente de ervas, praticar todas as austeridades que tinha conhecido como habituais para os santos, eram pensamentos que não só o consolavam quando meditava sobre eles, mas até depois de abandoná-los deixavam-no satisfeito e cheio de alegria”;¹ deixavam-lhe um traço de alegria.

¹ Santo Inácio de Loyola, *Autobiografia*, n. 8.

Nessa experiência, podemos notar, sobretudo, dois aspectos. O primeiro é o tempo: ou seja, os pensamentos do mundo, no início, são atraentes, mas depois perdem brilho e deixam você vazio, insatisfeito, deixam você assim, uma coisa vazia. Os pensamentos de Deus, ao contrário, primeiro suscitam certa resistência – “Mas não vou ler esta coisa tediosa sobre os santos” –, mas, quando são aceitos, trazem uma paz desconhecida, que dura muito tempo.

Eis, pois, o outro aspecto: o ponto de chegada dos pensamentos. No início, a situação não parece tão clara. Há um desenvolvimento do discernimento: por exemplo, compreendemos o que é bom para nós não de modo abstrato e geral, mas no percurso da nossa vida. Nas regras para o discernimento, fruto dessa experiência fundamental, Inácio determina uma premissa importante, que ajuda a entender esse processo: “Àqueles que passam de um pecado mortal para outro, o diabo geralmente costuma propor prazeres aparentes, tranquilizá-los de que tudo está bem, levando-os a imaginar delícias e prazeres sensuais, para melhor mantê-los e fazê-los crescer em seus vícios e pecados. Com eles, o espírito bom usa o método oposto, estimulando sua consciência ao remorso mediante o juízo da razão”.² Mas isso não é bom!

Há uma história que precede quem discerne, uma história que é indispensável conhecer, pois o discernimento não é uma espécie de oráculo ou de fatalismo, nem uma coisa de laboratório, como tirar a sorte sobre duas possibilidades. As grandes interrogações surgem quando, na vida, já percorremos um trecho do caminho, e é a esse percurso que devemos regressar para compreender o que procuramos. Se na vida se percorre um pouco do caminho: “Mas por que vou nesta

² Santo Inácio de Loyola, *Exercícios espirituais*, 314.

direção, o que procuro?”, aí se faz o discernimento. Quando se encontrava ferido na casa paterna, Inácio não pensava de modo algum em Deus, nem em como reformar sua vida, não. Ele faz sua primeira experiência de Deus, ouvindo o próprio coração, que lhe mostra uma inversão curiosa: as coisas à primeira vista atraentes deixam-no desiludido, e noutras, menos brilhantes, ele sente uma paz que perdura no tempo. Também nós vivemos essa experiência, muitas vezes começamos a pensar em algo e ficamos ali, e depois nos sentimos desiludidos. Ao contrário, fazemos uma obra de caridade, fazemos algo bom e sentimos um pouco de felicidade, vem um bom pensamento, vem a felicidade, um pouco de alegria, é uma experiência totalmente nossa. Ele, Inácio, vive sua primeira experiência de Deus, ouvindo o próprio coração, que lhe mostra uma curiosa inversão. É isto que devemos aprender: ouvir o próprio coração para saber o que acontece, que decisão tomar, formular um juízo sobre uma situação, é preciso ouvir o próprio coração. Ouvimos a televisão, a rádio, o celular, somos mestres da escuta, mas pergunto: você sabe ouvir seu coração? Você para e diz: “Mas como está meu coração? Está satisfeito, está triste, está à procura de algo?”? Para tomar boas decisões, é preciso ouvir seu coração.

Por isso, Inácio sugerirá a leitura da vida dos santos, pois eles mostram, de modo narrativo e compreensível, o estilo de Deus na vida das pessoas não muito diferentes de nós, porque os santos eram de carne e osso, como nós. Suas ações falam com as nossas, ajudando-nos a compreender seu significado.

Naquele famoso episódio dos dois sentimentos que Inácio tinha, um quando lia as coisas dos cavaleiros e o outro quando lia a vida dos santos, podemos reconhecer outro aspecto importante do discernimento, já mencionado na semana passada. Há uma casualidade aparente nos

acontecimentos da vida, tudo parece nascer de um contratempo banal: não havia livros de cavaleiros, mas apenas vidas de santos. Um transtorno que, no entanto, encerra em si uma possível mudança. E só depois de certo tempo Inácio se dará conta disso, e é nessa altura que lhe dedicará toda a sua atenção. Escutem bem: Deus trabalha através de eventos não programáveis por acaso, isso aconteceu comigo por acaso, por acaso conheci essa pessoa, por acaso vi esse filme, não foi programado, mas Deus trabalha através de eventos não programáveis, e também nos contratempos: “Eu devia ir dar um passeio, mas tive um problema nos pés, não posso...”. Contratempo: o que Deus lhe diz? O que a vida lhe diz? Vimos isso inclusive num trecho do Evangelho de Mateus: um homem que lavra um campo se depara acidentalmente com um tesouro enterrado. Uma situação totalmente inesperada. Mas o importante é que ele a reconhece como o golpe de sorte de sua vida e decide conseqüentemente: vende tudo e compra aquele campo.³ Eu lhes dou um conselho, prestem atenção nessas coisas inesperadas. Quem diz: “Mas eu não esperava por isso”. Nisso, é a vida que fala com você, é o Senhor que fala ou é o diabo que fala? Alguém. Mas há algo para discernir, como reajo perante as coisas inesperadas. Mas eu estava tão tranquilo em casa e, “toque-toque”, vem a sogra, e como você reage à sogra? É amor ou é algo dentro? E você faz o discernimento. Enquanto eu trabalhava bem no escritório, um colega vem me dizer que precisa de dinheiro, e como reajo? Vendo o que acontece quando vivemos algo que não esperamos, aprendemos a conhecer como nosso coração se move.

O discernimento é a ajuda para reconhecer os sinais com que o Senhor se deixa encontrar nas situações

³ Cf. Mt 13,44.

inesperadas, até desagradáveis, como foi para Inácio a ferida na perna. Delas, pode nascer um encontro que muda a vida para sempre, como no caso de Inácio. Pode nascer algo que faça você melhorar ou piorar no caminho, não sei, mas permaneça atento, e o fio condutor mais bonito é dado pelas coisas inesperadas: “Como me comporto diante disso?”. O Senhor nos ajude a sentir nosso coração e a ver quando é Deus que age, e quando não é ele, mas outra coisa.

Audiência geral
7 de setembro de 2022